

CORPO e STRANHO

ROSANE CARNEIRO



editora  
da palavra

Corpo-catedral, corpo-latência, corpo-mundo, corpo e poesia. Para quem joga com tais amálgamas, a exigência de uma estranheza reveladora de todos nós passa ao largo dos modismos formalizantes e banais que sulcam – na carne já de todo em estado de metástase de nossa atual fatura poética – uma esclerose do corpo e de seu sagrado erotismo. Se erótico é sinônimo de vital, dar-lhe forma por meio de palavras assinala dois desafios de inteira ousadia. O primeiro, de torneio arquitetônico, clege os retábulos como acesso, poderia se dizer de linhagem gótica, aos estudos pictórico-sensório-epífanos dos quais o poema a Antoni Gaudí seria a metonímia. Gótica significa, vale lembrar, goticística, referente a uma estrutura que lembra os labirintos fitomórficos em *mise en abyme* que florestam a catedral da Sagrada Família, corpo ex-cêntrico das *calles* de Barcelona. Já o segundo, em chave psicanalítico-filosófica, discorre sobre o precário tempo do mundo, fadado a estes outros “estranhos profetas”: a doença e a morte.

**C O R P O e S T R A N H O**

**R O S A N E C A R N E I R O**



RIO DE JANEIRO 2009

2009@Rosane Carneiro Ramos  
Todos os direitos reservados à autora.  
Contatos: rubrixxx@gmail.com

Capa e projeto gráfico  
RUTH MARINA LIMA

Foto da autora  
HAEMOCYTOMETER METZ

Rosane Carneiro Ramos / Corpo estranho / Rio de Janeiro  
Editora da Palavra, 2009

ISBN 978-85-98348-22-3

1.Poesia brasileira. 2.Titulo

CDD.B869.1

EDITORA DA PALAVRA  
helenaortiz22@gmail.com  
fone/fax: 25574962

Para Edineia



*A observação do artista pode atingir uma profundidade quase mística. Os objetos iluminados perdem os seus nomes: sombras e claridades formam sistemas e problemas particulares que não dependem de nenhuma ciência, que não aludem a nenhuma prática, mas que recebem toda sua existência e todo o seu valor de certas afinidades singulares entre a alma, o olho e a mão de uma pessoa nascida para surpreender tais afinidades em si mesmo, e para as produzir:*

Paul Valéry



DECRESCE O CORPO fenecem pelos poros  
e eis surgir a juventude de uma era outra,  
cúspide de uma outrora certeza de vigor e força.  
Campeia o corpo. Agora antigo, monumento  
ao tempo a partir de então semeador para  
paragens muitas de futuro presente, distância  
de afetos e clamores. Portal para o fim, espécie  
em retorno, em breve semente. Ovo.



MÚSCULOS FACE a face  
feixes de força iluminados  
no eixo das fibras  
fusão entre o que fende  
e compacta

fissura  
de ser fita  
seda e cetim  
do que foi carne  
e hoje é fístula

de forma emoldurada



ENTRANHADOS NA CARNE da aurora  
dialogam pássaros  
entre vísceras de árvores  
a argumentar aos músculos do vento  
o encadeamento do tempo  
articulações da existência

Bege, sanguínea e suspensa  
a criatura da manhã  
nutre a teia daqueles galos  
e gera do púlpito de batimentos  
reflexões nos homens,  
ínsones rebentos



A MANHÃ, A MANHÃ, a manhã. Embriaguez da luz sobre o eixo da Terra. Reflexo em toda pupila de flor, caminho do ar mais límpido, tépido viajante. Clarão sobre os muros, vela da esperança içada em direção ao alto. Contemplação. Susto prismático, cabalístico, caleidoscópico sobre o início de todas as cores, aromas, pensamentos. Gênese diário, página eterna, espiral, poliedro, paralela infinda. Bom dia.



DANÇARIA O QUÃO necessário  
para medir os vãos do mundo  
em passos

corpo uníssono  
missa do quadril  
paramentos dos braços  
pescoço escapulário  
pendo ao sacro ofício  
de sentenciar em giros  
o essencial  
: a alma primária

de santos movimentos subo aos céus  
grafando com o corpo  
planos vários



DELE

*Para Agnès Varda*

a pele do homem amado

respira

ganha o mundo

com um oxigênio pausado

olor de frutas e pedras

de tesouro guardado

está na pele do homem amado

flor de tudo o que em mim consome

posar tão

despudorosamente aberta

de pelos escancarados

frinchas enlugaradas

cicatrizes à espera

eis aqui um manto  
sagrado  
a cobrir

dúvidas, relíquias  
e estilhaçadas  
quimeras

de pele de fêmea menina  
que inspira tantos  
cuidados

faça-se entranha  
e germine em mim  
a pele do homem amado

## PLANTIOS

planta em mim  
dos pés  
o peito de flores

guirlanda sobre este teu solo lírico  
pomares contidos  
cheiros teus, húmus humores

onde caiba a raiz  
a percorrer o território inteiro  
de heras e amores

a tua seiva-luz, geração  
do mar do cultivo  
de tempestades em folhas

alimento do amor  
planta em mim  
as ondas da Terra



FOLHAS FRUTOS fontes figos  
a fundo te imagino  
figuras febril  
cálido bendito  
fugidio ao toque porém  
flanas deveras no sonho  
feliz e permitido



PROPUS AO MEU AMOR trezentas flores.  
No selo de cada uma espaço para o céu, volátil  
veículo para a evanescência, um suspiro cravino  
de todas as cores: girassóis crisântemos gérberas  
dálías e filhas do campo. O amor sutil é o mesmo  
de ontem, que é sempre e é neste instante,  
sem a condição do limite. Enquanto existe tal  
essência nada incorpora nada engendra, apenas  
*compõe*. Para dentro e fora do que se redemoinha  
no vão das horas, na ponte absoluta que somente  
comporta. Um caminho.



AUSCULTAR o sol  
no entorno dos teus abraços

Divisar o mar perante  
teu peito próximo

Resplandecer a chuva  
diante do encontro

Contorno ardil

Ao derredor de nós  
crias sem fim

Eterna gestação  
enlaçados somos os dois

aos tempos  
aos mundos  
aos cantos profundos

da atmosfera



## PARTE

a minha outra  
em ti guardada  
anseia ser inteira  
quando em mim  
tocar a face tua  
de meu corpo  
habitada



CREIO A sua pele  
pó de chocolate  
achocolatado  
sutil encaixado porém desconjuntado  
esparramado no lácteo  
destas coxas-ancas  
troncos-dorsos  
fabris  
ouro docescuro de poro em pó  
te creio aqui mesclado  
misturado sem receita  
nem dó  
de quem como eu te ame chocolate  
egípcio fenício paraibano e calipígio  
sabor de marrom



RECOLHER dos gestos  
o silêncio erétil  
fundador de sanguíneos sabores  
trilha para a fera  
à espreita  
de dentes, músculos e pelos  
em movimento  
caçar o momento  
do abate inteiro  
do banquete cego  
no clarão interno  
do desejo



TE ESPERO contente  
te busco insone  
te trafego insolente  
a busca do momento  
só em ti eterno  
faz de mim  
de amor excêntrico movimento



EIS MINHAS patas  
toma-as com cuidado  
estão acerca de mim  
como leões de chácara  
e prantos de gárgulas

toma-as com amor  
veste-as novamente  
de força  
fá-las fulgurar  
para o baile do futuro

verte-as em crinas  
de vigorosas tranças  
cura-as com punho de lavrador  
torna-as de novo  
pernas raízes colunas eixos

pilares



MAÎTRE

Teu movimento transcende

agiganta todas as minúcias  
apequena todas as miríades  
conclui todas as tragédias  
e a profusão de dores  
de um mundo em quimeras

O ato teu

gesta

ondulação sônica

hecatombe cósmica

vertigem quântica

e um romantismo de poeta



VAMOS brincar  
de dançar até cair  
correr do sofrer  
até vingar  
nosso amor-gigante  
montanha-chinesa  
de sonhos  
parque de versões  
dos sentidos

dê-me a mão  
e desvendemos juntos  
a nossa infância



ESTIVE AQUI SENTADA durante muito. Observava muros e heras, pedras e musgos, insetos e seus percursos, em volta de si. Nada mais há que o sentido pleno do desabrochar do mundo – redondo como os séculos, *llenos* de suores, amores e atos heroicos. Percebia as plantas como quem olhava através do momento: essa raiz em mim existe há quanto? E o tempo nasceu quando? Em algum instante dentro da eternidade, na junção entre o átimo do sopro da vida deste corpo e o golpe de ar sudoeste que virou a península em Madagascar ou Nova Delhi. Naquele mesmo brotar nasceram e morreram homens, mulheres e crianças e mais tantas outras criaturas despontaram na vibração uníssona do horizonte. E tudo se perpetuava, como sempre.



## ANDARILHA

percursos percalços  
todos os caminhos  
atravesso e traço  
Andrajo no espírito  
com olhar descalço  
ruas torres praças  
evoé avenidas  
de baldio espaço  
A alma não acompanha  
o eu em descompasso  
sigo rumo errante  
séculos e mais eras  
de bênçãos e catástrofes

passaio de estar  
na vida completa  
testemunho só  
do mundo em que passo



OS OLHOS de mim  
janelas de um mundo outro  
vejo o dentro  
espaço fecundo  
pertencente ao interno  
céu profundo

Lá fora dizem as luzes  
de tudo o que não me importa  
o sem-sentido  
em que não me confundo  
Falam os olhos de mim  
de uma esfera de segundos

tornados milênios  
perdidos num tempo  
secreto, íntimo, profuso

Melhor assim  
os olhos de mim  
cegos ao escuro



DANÇA-pulso

fulgor

busca evanescente

em ritmo e cor

nos traz de longe

do deserto da fome

da morte ensinada

das portas da culpa

da ausência autoproclamada

dança

poema do corpo para a alma



RESPIRAM NO CORPO os acordes

Batida por dentro  
ascende ao espírito  
partitura ardil  
tablado tablatura  
para o arco vigor  
e a ponta insofismável do todo

Bailam nos gestos as pausas  
compasso por fora  
desce ao ventre  
íntima composição  
melodia melodrama  
para a extensão do desejo  
e a contração inevitável do medo

volteio.  
permitir-se música.  
sempre.



SEGUE O DIÁLOGO com o tempo  
erupção de tratados e pactos  
de um longínquo estar  
pelas entranhas do universo  
antepassado presente  
refletindo a abóbada dos séculos  
e egrégoras de todas as eras

escoar épocas

prossigue o diálogo  
vestir vocábulos  
envergar a palavra  
para traduzir  
o mundo primevo  
o mundo velho  
o mundo eterno



TORRENTE FLUXO desmemoriado de história e pensamento. Nascer crescer contrair expandir recuar enfrentar e amadurecer, cair e ser novamente fruto em vistas a ser outro e mais outro e diverso ente alguma criatura na prospecção do que gera e nunca termina – sem bordas. Corporificar o tempo em determinado instante. Apenas. Ser segmento do infinito. Mais um. Não cessar com o fim. Aguardar pela epifania dos recomeços. Que duram, eternos. Como as obras da arte.



## CORPO E CATEDRAL

*para Gaudí*

corpo catedral  
catedral corpo  
sonhos erigem  
partes no todo  
salva a religião  
dos que professam  
edificar em si  
um cosmos  
um tudo

abertas naves de abrigo  
vontades, histórias e percursos  
escolhas  
corpo para ser pedra  
catedral para ser olho  
para ser água, crença  
criança ou método  
missa rito tiro  
ao já composto

corpos catedrais  
organismos de valores

ofícios em ossos  
desejos pelas veias  
órgãos do sagrado  
em todo humano

## MOSTRA

Beber a arte

Comer do espírito

evolado em matizes

de sons e sabores

Sorvê-la líquida de preciosidades

crescente aroma sólido

menos plana, menos dígita

tecnolofrígida de vapores

Depois exalar

gentil fraternidade

Evocar filosofias

Ingerir do eterno o éter

para nutrir na transcendência

a super exposição da realidade

os salões de espera do cotidiano

beber e comer

o corpo da ceia

da arte



TUDO SEGUE ao alto. Busca da respiração divina. Cós mica sucção do que ao sopro aspira, do que à força condensa, do que ao irromper se anuncia. Bruta mas tênue condução à vida. Singeleza que é viver, em direção ao que é próprio, esboço certo de um percurso atônito através da luz, fluxo etérico pelo espaço que reproduz dentro e fora de cada corpo uma centelha explícita, imperativa, imperiosa.



DO CORPO fazer miséria  
altitude para o tombo  
vácuo para o limite  
fundo para o trote

Do corpo miserê de ideias  
perfumes, lâncomes, *beauties* e batons  
ossos vestidos em luxo  
apenas para nu ao final dormir

Trapiche o corpo  
gosta de vadiagem  
ou vadiação  
?

Para sumir de si  
basta que ele queira  
estar contigo e ser outro  
vagar indefenso sem juízo

Para ser de ti estranho

nada celeste

puro delito

inteiro presente

mas de todo santo

## REFÉM

Pernas para o que te quis  
senão bailar para o futuro  
quadris partidos em três  
cerram-me agora  
no escuro

Ao corpo aventura da vida  
buscar tamanho  
maior do que meus medos  
*lejanos*  
há de sê-lo, pelo bem do todo

Lança-lo-ei  
– membros e tronco –  
despedaçado novamente  
no sonho?  
Álcool amor desmedida

é como deseja meu corpo  
que seja eu  
ainda  
coisa sem casório  
bicho desconjuntado mistério impoluto

ameaçada de morte  
concedo-lhe minutos

e ele menino  
goza

## ALQUÍMICO

Ao alcance dos olhos a cura / o que não se  
procura / não se prescreve  
receita em descoberta

Eis ali / nos domínios dos lábios / em territórios  
de umbigos / nas frestas das ancas / o que é

[dado por mérito

da natureza em festa

Para a glória do corpo / o gozo de si / é estar no  
que se gosta / no que se quer bem / no que se

[adivinha

remédio e resposta



## PERCURSO

*Para Tanussi*

Para percorrer o corpo

há que se ter  
um santo espírito  
alma de pássaro  
de vôo esconso

há que se ler  
na pele abandonos  
nos ossos temores  
nas vísceras assombros

corpo percorrido  
livro aberto  
mar incontido

o mesmo que o universo ler  
esfera no cosmos  
pupila no olho  
deus dentro do homem  
e um homem presente no outro

## LOVE IS A LOSING GAME

canções desembocam líquidas  
no pétreo da vida  
incandescências feitas agonias  
degelo lavar  
alma em alforria



POR DENTRO

reina o silêncio

Quais vãos a percorrer  
entre razão e sentimento?

O que choram vísceras

Qual lamento o dos ossos

O susto dos nervos

em diário assombro?

Quando nos fez, Senhor,  
máquinas?

Por que perder, Senhor,  
no meio do corpo  
a alma?

De que viver se  
alimentam o espírito

dor e mágoa?

Furor ao corpo

da vida morada

da luz sentinela

da ânima espada

Por dentro silêncio  
vibra o corpo  
Semente  
em eterno sopro

P E L E

fronteira do nada  
estuporada cancela  
mapa contracapa  
Às peles outras bandeiras  
insígnias  
emblemas

Entregue ao espaço  
arrendada  
a pele desmembrana  
qualquer horizonte  
de trópicos e paradas  
Desalinhando certezas  
males esperanças estradas

Rarefeita simula  
sensibilidade e frescor  
e saturada mente  
estar ao redor



## CORAÇÃO SIMPLES

batida só em meio à multidão  
irrompa-te holograma para o sentimento  
de muitos

coração básico  
abraço do mundo  
convulsiona-te sonhos de algum futuro  
acordo tácito no escuro

coração puro  
do oco e da cavidade de tudo  
brote em pétalas e pérolas  
para as criaturas

coração único  
comigo além do que pressinto  
flutuas no tempo, acima do que existo  
integras o universo, em nada és uno

desmancha-te



## ESTRELAS

Corpos cristais  
do cosmos  
Como quem à noite  
caminha  
sem ponto sem dono  
Como quem anseia  
estrada adiante  
avante acima  
ao longo infindo  
Campo suspenso  
seio de pólvoras  
cintilantes

No colo do breu  
estrelas chamam



O HOMEM VELHO vestiu recomeços  
ousou auroras e arrependimentos  
Pleno de alvoreceres  
o homem antigo refletiu guerras e amores  
e deitou o corpo nu  
testemunho cruel e frágil  
sobre palhas nobres

A vida

Memória do corpo

Ou carne da história?

À espera da fome da morte  
o homem exausto sentiu  
e nasceu então  
de novo



## Índice

DECRESCE O CORPO, 9
MÚSCULOS FACE, 11
ENTRANHADOS NA CARNE, 13
A MANHÃ, A MANHÃ, 15
DANÇARIA O QUÃO, 17
DELE, 19
PLANTIOS, 21
FOLHAS FRUTOS, 23
PROPUS AO MEU AMOR, 25
AUSCULTAR, 27
PARTE, 29
CREIO A, 31
RECOLHER, 33
TE ESPERO, 35
EIS MINHAS, 37
MAÎTRE, 39
VAMOS, 41
ESTIVE AQUI SENTADA, 43
ANDARILHA, 45
OS OLHOS DE MIM, 47
DANÇA-PULSO, 49



RESPIRAM NO CORPO, 51

SEGUE O DIÁLOGO, 53

TORRENTE FLUXO, 55

CORPO E CATEDRAL, 57

MOSTRA, 59

TUDO SEGUE, 61

DO CORPO, 63

REFÉM, 65

ALQUÍMICO, 67

PERCURSO, 69

LOVE IS A LOSING GAME, 71

POR DENTRO, 73

PELE, 75

CORAÇÃO SIMPLES, 77

ESTRELAS, 79

O HOMEM VELHO, 81



Agradecimentos muito especiais a  
Ruth Lima, Antonio Carlos Secchin, Lóis Lancaster,  
Bia Waehnelde, Mariane Koslinski, Índia Martins e  
Rosângela Gomes dos Santos





ROSANE CARNEIRO publicou  
*Excesso* (1999, edição da autora) e  
*Prova* (2004, Ibis Libris). Tem participação  
em diversas antologias. É carioca, editora e  
redatora. Mestre em Literatura Brasileira pela  
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Impresso na gráfica Stampa em novembro de 2009, em papéis  
Pólen Bold 85 g/m<sup>2</sup>, Reciclato 85 g/m<sup>2</sup> e Colorplus 90 g/m<sup>2</sup> e capa  
impressa em Cartão Supremo 240 g/m<sup>2</sup>.  
Composto em Caslon 540.

Mas neste seu pequeno livro-corpo “indevido”, Rosane Carneiro não presume a fatal destinação dos seres, desde o “ovo” condenados a uma *vita breve*. Evoé, ruge a poetisa, convidando homens e mulheres ao renascimento de Dionísio, seja nesta existência bailarina, seja em outras de um aquém-túmulo. E se a vida pode ser “memória do corpo” ou “carne da história”, por um lado indica aquilo que resiste, por outro o que sacia a fome de si e do alheio. Ou seja, a fronteira entre o corpo inibido e o corpo desejanste: “Ao alcance dos olhos a cura/ o que não se procura/ não se prescreve/ receita em descoberta”.

Leonardo Vieira de Almeida

As modulações de Eros, tão presentes em *Prova*, livro anterior de Rosane Carneiro, ressurgem ainda mais intensas e bem trabalhadas neste *Corpo estranho*. Na busca de palavras que digam a força da matéria, Rosane defronta-se com a “carne da aurora”, deseja a “embriaguez da luz”. Na sua poesia, transforma-se o estranho em entranha, pois o outro já surge sob o signo da interioridade: “germine em mim / a pele do homem amado”. Sorver o corpo da paisagem (“os músculos do vento”) ou perder-se na paisagem do corpo são movimentos que apontam para a mesma direção: a da palavra poética entendida como a prática de uma erosgrafia.

ANTONIO CARLOS SECCHIN

ISBN 978-85-98348-22-3



9 788598 348223